

Mancha Negra e Branca de Neve

Alex Franco

[Artista gráfico]



*“No presente, a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais”*

Belchior (Velha Roupas Coloridas)

Felizmente os *flash backs* continuam a me perturbar, e isso é bom. Estou feliz com a motivação que escrever nesta coluna, me proporciona de revisitar meu passado, recordar histórias, analisar meus conflitos e identificar através desse processo minha relação comigo mesmo. Mas, se *o passado é uma roupa que não nos serve mais*, por que cutucá-lo? Afinal ele não pode ser mudado. Verdade, mas pode ser olhado de outra forma, visto por um ângulo mais amoroso e, ao mesmo tempo mais crítico.

Endureço comigo mesmo, mas sem perder a ternura, muito ao contrário tento cultivá-la, trabalhando minha própria auto construção. Voltemos então a ele, o passado. O ano é 1969, ponto de grande transformação na vida de uma criança que trocava o curso primário pelo então curso ginasial. Vindo de uma pequena escola primária, onde uma única classe em torno de 20 alunos, aportei em um colégio estadual gigantesco, 11 classes da primeira série com, no mínimo, 40 alunos em cada uma delas.

Isto significava um convívio diário de aproximadamente 500 pessoas, contando professores, inspetores, faxineiros e secretários. Hoje, identifico um detalhe que na época para mim passou, literalmente em branco, a lamentável ausência de pessoas pretas naquele universo. Contava-se nos dedos de uma mão os alunos pretos, além de uma única professora e um também único servidor. Vale lembrar que estou falando de uma escola pública. Era tudo muito diferente, um professor para cada matéria, aula de francês, quadra poliesportiva, gente nova em cada canto.

Tudo diferente, mas quase tão branco quanto na escola anterior. Aqui surge o título deste artigo, referência a dois personagens de histórias infantis, Branca de Neve, universalmente conhecida a partir do filme de Walt Disney e Mancha Negra, um não tão conhecido vilão das histórias em quadrinhos, do mesmo autor.

E o que os traz a esta coluna? Situações que, na época me pareceram engraçadas e normais, mas carregam enorme ranço cultural e estrutural. Característica típica de pré-adolescentes, os apelidos faziam, como se diz, a alegria da molecada e os nomes destes personagens ganharam formas humanas perante a turma. Falarei primeiro de Branca de Neve, um menino, negro retinto, semi obeso, corpo quadrado e atarracado, garoto dócil e, percebo agora, muito afetivo.

Se juntava aos demais garotos no pátio, naqueles períodos de ócio que antecedem o início das aulas.

Lá se conversava de tudo e de nada, piadas “sujas”, saias curtas, professoras “bravas”, enfim a adolescência narrada.

Foi justo nesse ambiente que ele ganhou o epíteto cruel.

Muito engraçado chamar um menino negro de Branca de Neve. Só que não. Escárnio, sarcasmo e crueldade, triste normalização de agressão gratuita, disfarçada de piada – racismo estrutural, em sua mais hipócrita camuflagem. Ah mas, ele não se incomodava, acho até que gostava, atendia ao apelido, sorria quando era chamado de Branca. Nunca me perguntei se, atrás daqueles dentes reluzentes, não estaria escondida uma garganta enodada.

Mancha Negra era um apelido sem sarcasmo, era escancarado mesmo. O personagem das HQ era vilão e isso combinava sobremaneira com a função do inspetor Paulo, além obviamente da conotação racista. Também negro e tão retinto quanto Branca, era longilíneo, muito alto e muito magro, e sua pele se contrastava com o longo avental sempre impecavelmente branco.

Como todo bom bedel da época era o terror da meninada, não foram poucas as bolas confiscadas nas peladas dos intervalos, nem as broncas e ameaças por eventuais atrasos.

Era comum ver algum garoto “passeando” pelo pátio em sua companhia a caminho da Diretoria. O mancha era temido, exercia com maestria a autoridade que conquistara, mas não escapou do mesmo racismo experimentado por Branca de Neve – Lá vem o Mancha, corre, esconde a bola, disfarça, esse negão é foda. Inspetor Paulo era temido, mas menos respeitado que os demais inspetores, todos brancos, todos sem apelidos.

Também não me perguntei por que os vilões, via de regra estão associados à cor preta.

De volta ao presente, olho para a velha roupa colorida.

É muito chamativa e incômoda, mesmo assim insisto em vesti-la. Olho-me no espelho, buscando no reflexo, em cada detalhe algo que possa, de alguma forma, me reconfortar. A consciência de saber que hoje agiria de forma diferente ajuda, mas não resolve. A roupa está manchada, por conta disso tem um remendo mal feito que, costurado precariamente, tampa um pedaço do tecido original. Não dá para enxergar através do remendo e da mancha.

Desculpe Branca, não consigo lembrar teu nome.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.